

## Lembranças de Escolas

*Fernanda de Mello R. Neves*

### MEMÓRIAS DE ESCOLAS



**M**arço de 1993, Colégio Arte e Instrução, em Cascadura, no Rio de Janeiro. Lá estava eu com um ano e sete meses, indo pela primeira vez à escola, em uma turma de maternal, destoando do restante do grupo por ser a única criança que não chorava, ao contrário da minha mãe que chorava sem parar enquanto eu lhe dava tchauzinho. Se não fossem as fotografias não lembraria nem da professora. Tenho apenas três lembranças dessa época: minha amiga desceite asiática Andressa, a casa de boneca e a natação. Durante a minha infância, mudei de casa várias vezes e conseqüentemente de escola também. O jardim I e jardim II foram cursados no Jardim Escola Raio de Sol, na Vila-Valqueire, com as professoras Kátia e Márcia, respectivamente. Dessa escola tenho boas lembranças, boas no sentido de muitas, pois foi lá que aconteceu meu primeiro grande trauma escolar. Em uma tarde qualquer, na hora do lanche, eu comia meu habitual trakinas de morango e, num ato não muito anormal para uma criança de quatro anos, comia apenas o recheio e jogava o resto no chão. Ao perceber

o fato, a professora, em uma tentativa de me ensinar o certo ou para ela mesma não ter que limpar, porque naquela época eu não sabia o que se passava na cabeça de uma professora, pediu que eu limpasse a sujeira que tinha feito. Ela me deu uma vassoura e saiu da sala. Uma coleguinha, a Ione, segurou a outra ponta, e puxávamos a vassoura, uma de cada lado, como se estivéssemos brincando de cabo de guerra. Foi quando Saulo, o pestinha da turma, puxa do lado dela e eu caio igual uma banana podre e viro chacota da turma. Não sei o que pensei naquele momento, só sei que juntei todas as minhas forças, segurei o Saulo pela blusa e o arrastei até ele bater com o rosto na quina da mesa da professora, quebrando seus óculos e fazendo sair sangue para todos os lados. Acho que me desesperei mais do que ele, que foi para o hospital. Eu fui parar na secretária, de onde a diretora tentava, em vão, ligar para minha casa. Minha mãe tinha ido ao Mercado de Madureira e eu só iria sair de lá no horário da saída.

Naquela tarde decidi que não voltaria mais para a escola, odiava profundamente a professora, meus colegas e a diretora. Ainda voltei alguns meses para não perder o ano que já estava no final. No C.A fui para a Fundação Bradesco, sonho do meu pai, funcionário do banco, e meu pesadelo, pois tinha que comer a comida indicada pela nutricionista e não há que eu levava. Além disso, a escola é muito rígida. O horário de entrada era sete horas e quem chegava sete e dez não entrava mais. Eu que morava em Guadalupe e pegava todo trânsito da manhã vivia chegando atrasada na companhia do meu pai que, ao invés de seguir para o trabalho no centro, tinha que me levar de volta pra casa.

Nas férias de julho, a minha felicidade foi total: eu iria sair de lá, mas se já tivesse maturidade para perceber o quanto a escola era boa teria chorado. O motivo da mudança foi a escolha de outra escola, a Fausto Cardoso, que era mais perto, menos sacrificante e o meu pai não correria o risco de perder o emprego. No segundo

semestre estudei feliz da vida com a professora Simone, não sei dizer qual o motivo, mas sei que ela me marcou. Talvez tenha sido por causa das broncas que ela me dava por eu nunca achar a página do livro, já que eu comia todas as pontas das páginas. Estranhezas à parte, eu fui a oradora da turma na Formatura.

Na professora da 1º série eu falava sem parar, característica que carrego até hoje. Minha mãe era chamada na escola, eu e minha xará e melhor amiga éramos separadas, levava cada susto coma régua da professora batendo na minha mesa, mais eu só falava, falava e falava. A partir da 2º série as crianças mudavam de andar eu me sentia grande e importante como os alunos de ginásio.

Quando estava na 4º série tive que sair da escola, pois a situação financeira da minha família apertou e eu me mudei para a Vila da Penha. Fui para a Escola Municipal João Marques dos Reis. A realidade da escola pública é totalmente diferente da que eu estava acostumada. Tudo era diferente: professores, alunos, espaço físico. Com o tempo me adaptei e fiz grandes amigos, com os quais estudei também no ginásio, na Escola Municipal Fernando Tude de Souza. Inclusive, na turma tinha três pares de gêmeas (Marina e Mariana, Karen e Karina e Flávia e Fabiana), o que gerava muitas histórias engraçadas.

Dizem que a melhor época da nossa vida é a que passamos na escola. Essa frase reflete o meu ginásio: o primeiro beijo e as maiores bagunças aconteceram nesse período. Foi um tempo muito bom de travessuras, descobertas, paixões, e quando terminamos a separação foi dura, cada um foi procurar seu caminho no segundo grau. O meu foi no Colégio Estadual Heitor Lira, na formação de professores. Lá não tínhamos muito tempo para brincadeiras, era estágio, provas, trabalhos, relatórios, vários professores, mas aprendi muita coisa. Foi o normal que me fez estar hoje na Pedagogia. Aprendi a gostar da educação, a entender como funciona uma escola, uma sala de aula, um universo que me

fascinava desde as séries iniciais. Hoje eu sei que nossas memórias de escolas fazem parte dos conhecimentos que vamos constituindo sobre as práticas educativas.

.....

✓ *Fernanda de Mello R. Neves: Aluna do curso de Pedagogia da UERJ.*